

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM DIREÇÃO TEATRAL



UNIVERSIDADE  
DO BRASIL  
UFRJ

Autora: Lilian da Silva Corrêa  
Orientação: Livia Flores e Marcellus Ferreira

MEMORIAL

# PARENTE



Rio de Janeiro  
2021

LILIAN DA SILVA CORRÊA

**PARENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharelado em Artes Cênicas-Habilitação em Direção Teatral  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadores: Livia Flores e Marcellus Ferreira

Rio de Janeiro, 2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

*Trabalho de Conclusão do Curso: PARENTE*

*Elaborado por: LILIAN CORRÊA*

*E aprovado pelos professores orientadores, e professores convidados foi aceito pela Escola de Comunicação como requisito parcial à obtenção do grau de:*

**BACHARELADO EM ARTES CÊNICAS-DIREÇÃO TEATRAL**

PROFESSORES:

Orientadora: \_\_\_\_\_

Livia Flores

Orientador: \_\_\_\_\_

Marcellus Ferreira

Convidada 1: \_\_\_\_\_

Ruth Torralba

Data:

A todas as gerações originárias dessa Terra Pindorama;  
Aos encantados que até aqui me guiaram  
A Kaila.

## AGRADECIMENTOS

### ANÜ

Como me ensinou Yepá, Deusa Criadora do Universo, Anü! Obrigada! Gratidão! Aos que comigo caminharam diretamente ou indiretamente.

Gratidão a mim, por esse pulso e impulso latente, escuta aberta, atenta às vozes de meus ancestrais, por me permitir descer junto à correnteza das águas amazônicas, por me deixar fluir em águas salgadas, admiradora do mar, guiada pelos maracás e pelos orixás e também pelas rezas de minha mãe. Aterrei em solo KARAI'WA OKA-Carioca, casa do homem branco. Casa do Homem Branco? Ué, aqui nessa casa, casa UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, não é casa só de homem, quiçá só de homem branco. Essa casa de passagem, e para tantos, morada. É casa de sonhos, principalmente casa de realização desses sonhos. E, para isso, não cabe distinção de gênero e cor. Essa casa não pode ser queimada! Nem Reitoria, nem Museu, nenhuma Casa, nem Casa MUNDURUKU, nem Casa MATA, nem Casa FLORESTA, nem Casa CORPOS. Embora essas faíscas insistam em queimar, somos nós também fogo, febre, células ativas, mecanismo de defesa. Células com história, memória e desejos. Não permitiremos a esse CORPO morrer! A essas células fundamentais, meu muito obrigada até aqui.

Ao Corpo Docente – Adriana Schneider, Alessandra Vannucci, Caio Riscado, Carmem Gadelha, Daniel Marques, Eleonora Fabião, Gabriela Lírio, Jacyan Castilho, José Henrique Moreira, Lauro Góes, Ligia Tourinho, Livia Flores, Maria Inês Galvão, Marília Martins, Marcellus Ferreira, Érika Neves. A todo o corpo discente, em especial à turma 2015.1. Aos técnicos. Aos terceirizados, Aldeia Maracanã, Ruth Tapuya, Aline Pachamama, à minha família, Cecília Correa, Jonas Corrêa, James Corrêa, Amanda Silva, Joanna Cecília, Wagner Cria, Maria de Lourdes, Kaila. A toda a equipe deste trabalho, que não seria possível sem vocês.

.

## RESUMO

Este trabalho discorre sobre a montagem artística “PARENTE” e sobre o processo de pesquisa para conclusão do curso de Artes Cênicas: Habilitação em Direção Teatral, regido pela disciplina de PET (Projeto Experimental em Teatro), com orientação dos professores Lívia Flores e Marcellus Ferreira, de autoria da aluna-diretora Lilian Corrêa. Narra o processo de elaboração do tema, desenvolvimento, metodologia e a experiência fílmica desenvolvida através das diretrizes fundamentais das práticas teatrais. O resultado dessa pesquisa compôs a programação da XX Mostra de Teatro da UFRJ – no mês de junho do ano de 2021 (ano em que os trabalhadores das artes tiveram que se reinventar pois a pandemia de COVID 19, trouxe muita inconsistência e luta pela manutenção do fazer teatral).

Palavras-chave: Teatro, Teatro-online, Direção Teatral, Pesquisa, Povos Originários do Brasil.

## SUMÁRIO

1. A ORIGEM DO PROJETO.....	7
2. PANDEMIA E A NOVA ESTRUTURA DO PROJETO.....	10
3.. METODOLOGIA.....	11
4. RESPOSTA DA DAIARA TUKANO.....	12
5. PROCESSO NA CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA.....	15
6. ESCRITAS LIVRES.....	17
7. CRISE HÍDRICA NO RIO DE JANEIRO.....	27
8. DRAMATURGIA FINAL.....	28
9. PROCESSOS DA DIREÇÃO .....	35
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
11. FICHA TÉCNICA.....	39
12. FLYER DE DIVULGAÇÃO.....	40
13. BIBLIOGRAFIA.....	41
14. ANEXO.....	42

## A ORIGEM DO PROJETO

O projeto nasce do desejo de montar um espetáculo teatral tendo por temática a visibilidade dos povos originários do Brasil. No início do ano de 2020, quando ainda não havia o vírus da COVID-19 circulando no país, a meta era desenvolver uma pesquisa presencial. Digo presencial, de forma quase redundante pois gostaria de trazer para dentro do campus da universidade dois ou duas atrizes originárias de etnias distintas, com objetivo de promover conhecimento através do contato, de debates. Portanto, promover conhecimento decolonial que pudesse de alguma forma desmistificar alguns imaginários preconceituosos e afirmar a pluralidade cultural dos povos indígenas do Brasil e com isso identificar as ferramentas potencializadoras na construção de um fazer artístico mais diverso.

Por que eu gostaria de tratar dessa temática?

O que move esse acontecimento é o desejo de poder valorizar, agigantar o orgulho em ser, pertencer, respeitar o povo da mata, ou alguns que estão na cidade que tem como história muita perseguição, invasão de territórios e assassinatos em massa. Com meu ingresso na universidade, pude ter contato com o movimento negro, o empoderamento contra o racismo, a defesa do território, a busca pela visibilidade e manutenção dos direitos sociais. Notei que grande parte dos apontamentos da luta do povo negro se aplica aos povos originários, aos indígenas brasileiros. Observei que falta um movimento, em especial, dentro das universidades, com indígenas ou ascendentes indígenas para tratar do assunto. Não muito distante de mim, minha mãe que é uma mulher originária, filha e neta de mulheres que lutaram pela sua sobrevivência, nega-se a assumir sua identidade como indígena. Até há pouco tempo, esse reconhecimento lhe causava muito constrangimento. Partindo da minha experiência, eu pude entender que a violência colonial ainda reverbera em muitos corpos que, para sobreviver optaram em não se reconhecer nem manter a afirmação de ser indígena. Esse é o ponto de partida dos casos graves de aniquilamento dos indígenas no Brasil. Partindo dessa inquietação pessoal, abro o debate a respeito da negação do brasileiro em reconhecer a influência



indígena na construção da nação brasileira. No ano de 2019, algumas das bancadas políticas brasileiras, apoiadas pelo presidente do país, não concordavam com a demarcação das terras dos povos indígenas. A transferência do poder ao Ministério da Agricultura para demarcar as terras indígenas mostra forte interesse na exploração capitalista em território secularmente cuidado pelos indígenas. Este exemplo real e atual deixa evidente a falta da valorização da colaboração dos povos indígenas no progresso e no desenvolvimento do país como fonte de riquezas naturais e força para distribuir recursos que tiram a população da fome e da miséria, além de tantas demandas, como a colaboração com a ciência.

Entretanto, a partir da década de 1970, “os povos indígenas do Brasil iniciaram um período de recuperação demográfica e de autoestima identitária” (LUCIANO, 2006, p. 107). Essa reviravolta histórica ocorreu em virtude de ganhos sociais na esfera internacional e nacional como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho – (OIT), ratificada pelo Brasil em 2003, que assegurou os direitos de os indígenas serem reconhecidos como povos; e a Constituição Federal de 1988, que garante a inclusão dos seus direitos coletivos. (LUCIANO, 2006, p. 95). Essa reviravolta, citada por Luciano, que visa promover a autoestima dos povos originários do Brasil, afina o foco para a história e as tradições culturais como força condutora de pesquisa e ciência. Uma força muito coerente de existência é como os povos originários se organizam para contar e fazer seu processo histórico. A memória é transmitida de forma narrativa e oral. Para a realização da pesquisa no teatro, essa estrutura ganha força condutora pois é possível contar narrativas através da mitologia, os processos históricos a partir do seu próprio ponto de vista.

Entendendo isso, propus desenvolver uma pesquisa de montagem teatral presencial que até então tinha como nome TORÉ-UM RITUAL DE CURA, que trata da valorização da autoestima originária a partir da história dos próprios atores. Como citado, a primeira proposta seria de forma presencial, dentro do Campus da Escola de Comunicação da UFRJ.

Dois indígenas nus, não pela ausência de roupas, mas nus para receber a experiência. Cada um deles carrega em seu corpo rabiscos de tinta feita com jenipapo nos braços e nas pernas. Cabelos corte cuia, calças jeans e

camisetas básicas de cor terrosa, uma de tom mais escuro que a outra. Rezam a língua da floresta, abraçados ao tronco da árvore. A reza aumenta em volume e velocidade até seus corpos serem arremessados diante do público, que ocupa o espaço formando uma grande roda. Aos pés de cada espectador da primeira fileira há um maracá. Dá-se início ao Toré. Toré é um ritual que inclui danças e canções de devoção guiado pelo ritmo do maracá, um instrumento de percussão tocado somente pelos mestres. A proposta central deste espetáculo é induzir o espectador a participar do Toré, ora atuando e levantando das suas cadeiras ao assumir o “pisar”, ora sendo apenas ouvinte do ritual de cura. A cura proposta nesse Toré é a da visão deturpada, infantilizada e animalesca a que os povos originários são expostos na atualidade; cura da ignorância sobre o modo de vida das etnias e do pensamento generalizado de que o índio deve estar isolado da cidade. A estética do espetáculo tem como base o elemento terra. A terra para as gerações indígenas é a mãe de toda criação. Em todas as etnias ela é entendida como solo sagrado. Guarda consigo os espíritos ancestrais, gera alimento e é moradia. O espaço cênico é todo coberto por terra. A longo da encenação, o público se desloca diminuindo a circunferência até que reste apenas um metro de círculo para a cena, vivência da realidade do ritual sagrado, com intuito de provocar o resgate da memória ancestral.

## PANDEMIA E A NOVA ESTRUTURA DO PROJETO

Com a pandemia da COVID-19, as montagens deveriam ser realizadas de forma remota, híbrida. Surgiu o desafio de dirigir um espetáculo *online*, entendendo os mecanismos, tendo como proposta central realizar uma experiência de teatro pela plataforma Zoom. O ânimo veio com a oportunidade de encontrar os atores sem precisar que se deslocassem de suas casas, podendo ter experiência de vivência com nações e suas dinâmicas de vida, de “dentro” dos seus próprios lares, com seu povo. A ideia foi esbarrando nas dificuldades estruturais básicas, digitais, que esse novo formato do encontro virtual exigia, como acesso à internet de qualidade, aparelhos eletrônicos com câmera e som de qualidade e tantas demandas mais, que eu muitas vezes não conseguia sanar nem para uso próprio. Entendendo a dinâmica desse novo contexto, me coloquei no trabalho para atuar e contar a minha jornada em busca do reconhecimento da minha nação de origem, tratando de um tema que muito me é caro. Sabendo da legitimidade de só poder reclamar a identidade indígena a partir do reconhecimento da memória viva de nossos povos, pensei em desenvolver uma experiência fílmica que dialogasse com as estruturas básicas do fazer teatral para construir uma dramaturgia fictícia autobiográfica. O projeto até então nominado TORÉ passou a se chamar “ PARENTE”.

Para discorrer um pouco sobre o assunto do reconhecimento identitário indígena no Brasil, cito um ensinamento de Daniel Munduruku (2009): “a base do índio genérico é a base do racismo”. A história dos povos originários está ligada diretamente a um plano de apagamento existencial desses corpos que detêm a posse do território natural como forma de vida e cria suas próprias políticas de relação em suas nações, o que para a colonização não corresponde à forma de liderar uma nação. Com isso projetou-se essa ideia do indígena genérico, ou seja um bolo de carne só, ignorando e apagando a diversidade de construção social, as diversas línguas e os diversos modos de vida. Esse ideal persiste ainda hoje, o sonho colonial ainda está pautado em generalizar o movimento indígena ignorando e matando a existência dessas nações.

Para muitos desses povos, além do cotidiano violento em suas comunidades, como invasão e apropriação dos territórios, assassinato, estupro de mulheres, escravidão, abuso psicológico e tantas outras formas de abuso em relação aos povos originários, ao longo desse percurso de violência, muitos, vítimas dessa agressão de apagamento identitário, se recusaram e recusam a se reconhecer como indígenas. Negar a identidade é ainda a pior das violências estruturadas nesses corpos, nos nossos corpos. E eu, como ascendente direta de uma mulher indígena, quis entender esse processo de ir contra a corrente. E é sobre esse processo de retorno que eu desejo contar nessa experiência fílmica.

Como dito acima, muito me interessa contar uma história que nasce da oralidade e ganha uma pitada de mitologia a partir das associações relacionais com a natureza, prática usada pelos povos originários no processo de manter viva e registrada sua história.

## **METODOLOGIA**

Quando tomei a decisão de contar uma história a partir do movimento de resgate realizado na minha vivência, decidi buscar e encontrar uma pessoa que pudesse somar forças no entendimento desse caminho. Meu primeiro contato foi com a artista e ativista Daiara Tukano, que abriu meus olhos para a dinâmica funcional no processo de acolhimento de pessoas autodeclaradas na etnia Tukano, etnia esta que até então estava sendo meu alvo de pesquisa. Pois minha mãe em uma conversa deixou escapar a relação da sua família com esta nação. Sedenta por informações, esbarrei em algumas questões que foram essenciais para sair do imaginário romântico que me coloquei, acreditando que seria possível “voltar”, encontrar meus parentes perdidos durante o processo colonial.

## Resposta da Daiara Tukano

Olá Lilian,

Agradeço pelo convite.

Lamentavelmente não sou atriz, e nem sei se tenho a disponibilidade de tempo que esse projeto pede.

Com relação a uma possível ancestralidade tukano gostaria de esclarecer alguns pontos em relação ao meu povo que talvez você ainda não saiba:

O povo tukano, assim como os demais povos do tronco linguístico tukano somos povos exógamos e patrilineares, isso quer dizer que temos como lei não casar entre nós mas apenas com outros povos (sim somos todos “mestiços” e a grande maioria bilíngues) sendo assim a patrilinearidade é o que define ser tukano ou não: somente são tukano os filhos e filhas de pais tukano. Assim nos organizamos tradicionalmente desde nossa origem, nosso povo se divide em clãs, recebemos nomes de cerimônia desde o nascimento e na nossa tradição fica realmente difícil alguém reclamar identidade tukano por descendência. Eu mesma tenho ancestrais dessano, tuyuka, tariano, miriti tapuya, e guambiana, mas sou tukano porque é a patrilinearidade que define nosso povo.

Desculpe responder em tom tão seco, mas realmente é assim que nosso povo funciona e fica muito difícil que a coletividade reconheça pessoas autodeclaradas a não ser que estes tenham alguma patrilinearidade de clã tradicional.

Cada povo indígena é uma civilização, tem sua cultura e práticas que o definem. A exogamia e patrilinearidade são eixos fundamentais de nosso povo e espero que você possa entender e respeitar isso.

Espero que essas informações não desestimulem seu trabalho no sentido de valorizar as culturas e lutas dos povos indígenas.

Desejo um ótimo trabalho.

Gratidão.

.

Obrigada pela compreensão.

Sim o genocídio no estado do Amazonas é muito forte, e em Manaus o racismo é absurdo. A maioria das pessoas se dizem pardas, mas ninguém quer ser indígena, e de fato para nossas culturas não existe essa opção de “voltar a ser indígena”.

Ainda que todos tenhamos passado pelo trauma colonial existem aqueles que sempre tiveram a firmeza e orgulho de ser tukano e outros que deixaram de lado essa

identidade e romperam definitivamente. Claro que cada caso é um caso, a violência que leva aos caminhos do genocídio e negação da identidade indígena é enorme, só quero deixar claro que os indígenas sempre lidaram com essa violência.

Agora existe um movimento interessante de pessoas que se dizem à procura da ancestralidade indígena. Estas pessoas são muitas vezes rejeitadas pelos povos indígenas porque cada um se estrutura de maneira diferente, como expliquei o nosso é patrilinear, então para nós, mesmo que você possa ter ascendência tukano por parte materna, você não é considerada tukano, da mesma forma que meu filho não é. Para nós não existe essa história de neto de avó pega no laço querer ser índio de volta.

Outra preocupação é com o oportunismo em relação às políticas indigenista construídas com muito esforço do movimento indígena. Tem gente que se declara indígena somente na hora de se dar bem, mas que não tem nada a ver com o povo que se diz pertencer, não conhece sua luta e nem sua história. De oportunistas estamos cheios, precisamos mesmo é de apoiadores que respeitem nossa luta sem querer se tornar um de nós.

Uma terceira preocupação é o fetichismo, a caricatura que pessoas autodeclaradas tendem a fazer. Há aqueles que se pintem ou vistam de maneiras nada a ver achando que para ser índio basta ter uma pena na cabeça, um colar ou uma tinta no rosto. E acabam assumindo encenações racistas sem perceber. Fazendo uma espécie de performance e as vezes até reclamando para si uma autoridade que não tem. Se declarando até caciques, pajés, lideranças, ativistas que adoram uma entrevista, capa de revista, holofote, mas que não tem relação nenhuma com povo nenhum. (Tem vários artistas autodeclarados assim). Esses para mim são os piores. Porque além de oportunistas que trabalham para satisfazer o próprio ego, são barulhentos e desviam a atenção de questões urgentes das lutas indígenas. Povos indígenas ainda enfrentamos o genocídio: fogo, bala, veneno, assassinato, nossa urgência não é descobrir qual é a ancestralidade indígena de 90% da população brasileira, nem a crise existencial daqueles que tem “cara de índio”. Ser indígena não é uma questão racial, a própria ideia de raça já é racista. Ser indígena é pertencer, ser reconhecido, ter lugar em um povo.

Espero que isso possa ajudar.

Outra característica do povo tukano é ser papo reto. Podemos ser muito brincalhões mas gostamos de ir direto ao ponto. Bom trabalho para vocês aí.

Este diálogo com Daiara Tukano me colocou em contato com a tradição e me fez compreender que cada povo desenvolve meios de existir dentro das suas relações sociais. Foi a partir disto que entendi que talvez eu nunca pudesse ser reconhecida pela nação que deu origem aos meus ancestrais e a minha mãe, justamente pela forma que é organizada. Esta informação fez com que a pesquisa ganhasse outro rumo. Me entendi como uma colaboradora indigenista para viabilizar contato com artistas indígenas. Foi assim que encontrei Dayane Yperário Tukano, uma mulher originária da etnia Tukano que topou colaborar com o processo de criação artística de “PARENTE”. E foi através dela que entendi que, embora uma nação não tenha validado meu reconhecimento como mulher originária, outros clãs poderiam validar e reconhecer minha história. Yperário me acolheu, me aproximou da tradição e até aqui atuou firmemente na construção do trabalho.

A questão fundamental para se pensar a cidadania indígena brasileira é superar a própria noção limitada e etnocêntrica de cidadania, entendida como direitos e deveres comuns a indivíduos que partilham os mesmos símbolos e valores nacionais. Ora, os povos indígenas não partilham a mesma língua, a mesma história, os mesmos símbolos, a mesma estrutura social e, muito menos, a mesma estrutura política e jurídica da sociedade brasileira não-indígena, uma vez que possuem símbolos, valores, histórias e sistemas sociais, políticos, econômicos e jurídicos próprios. (LUCIANO, 2006, pág.87)

Luciano aponta para a importância do conceito de cidadania e os direitos de manter a tradição a partir do ponto de vista dos indígenas. É de interesse dos grupos indígenas conquistar a liberdade de atuar conforme as normas particulares dentro das suas comunidades, sem intromissão do governo. Porém, quando se fizer necessário, usufruir dos direitos enquanto cidadão brasileiro, dos mesmos direitos do cidadão da cidade, sem ter que perder sua identidade como indígena, sem ter que abandonar o modo de vida próprio. Importante ressaltar que o reconhecimento dos indígenas como cidadãos

identificados pelo Estado lhes garante assistência para reivindicações, das terras à saúde. Ao identificar a exploração do campo, é de suma importância debater políticas inclusivas que garantam aos povos indígenas seu espaço de sobrevivência. Existem movimentos indígenas que já propõem o reconhecimento do direito de diferenciação legítima, que garanta a igualdade das condições, ou seja, equivalência de direitos e não de igualdade de semelhança cultural. O que vale compreender é que não se deve categorizar o diferente como inferior ou selvagem. Significa que os povos indígenas devem possuir direitos universais do cidadão brasileiro e também os direitos específicos relativos a sua cultura, às tradições, aos valores, aos conhecimentos e aos ritos.

## PROCESSO NA CONSTRUÇÃO DA DRAMATURGIA

A proposta para a construção da dramaturgia foi inspirada na narrativa que os povos originários desenvolvem para a manutenção histórica de sua existência, a mitologia originária relacionada à natureza. Com isso, aproveitei a minha forte ligação e curiosidade com o peixe Poraquê, do tupi guarani “aquele que faz dormir”- peixe serpentiforme que é capaz de produzir uma forte descarga elétrica. Poraquê tornou-se o nome da personagem da história.

Isabel Figueira foi a responsável por conduzir a estrutura que a dramaturgia iria desenvolver, pensando metaforicamente a figura do peixe que desce o rio, atravessa a diversidade das águas com liberdade para transitar subir e descer. Minha proposta era produzir o texto dramático à medida que se trabalhava alguns temas, separados em 7 encontros.

### **Ensaio 1** - O da curiosidade

Primeiro ensaio com Dayane Tukano  
Exercício da Conexão. (Vídeo gravado)

**Tarefa 1:** Imagens em contato com a natureza. Natureza e parentesco

.

**Ensaio 2** – Ensaio solo – experimentos cênicos cena 1 – A Solidão



**Ensaio 3** - O da Natureza

Experimentação a partir das imagens em contato com a natureza

Construção Textual

**Tarefa 2:** Lilian - Escrever depoimento da ida a primeira vez à aldeia, Dúvidas da afirmação, Conversa com a mãe.

Dayane – O caminho percorrido

.

**Ensaio 4** – O do Encontro

Experimentação a partir dos depoimentos

Construção Textual

.

**Ensaio 5** – A busca pelo parentesco

Experimentação a partir da experiência na busca pela etnia Tukano

E-mail da Daiara Tukano

Conversa com Dayane

Construção textual

**Tarefa 3:** A partir dos conceitos de parentesco, para você o que é ser parente?

.

**Ensaio 6** - O da Definição de Parentesco

Experimentação a partir das definições de parentesco

Construção Textual

**Tarefa 4:** Separar alimentos para o ensaio 7, memórias.

.

**Ensaio 7** – O da comunhão

Relação comida e afetividade

A decisão de focar mais na minha jornada de busca pelo reconhecimento partiu da minha orientação. Livia Flores sugeriu que eu mesma produzisse alguns textos a partir das minhas inquietações, narrativas de encontros e desejos. Foi então que nasceu a primeira parte do que seria o processo de construção concreta da dramaturgia.

O plano inicial da construção da dramaturgia a partir dos encontros foi reconfigurado para um processo intimista, de reviravoltas e angústias.

Nasceram então os primeiros rabiscos.

## ESCRITAS LIVRES

### A NEGAÇÃO

Eu nasci na cidade de Manaus; minha mãe nasceu no município de Careiro da Várzea; minha vó, mãe de minha mãe em Borba; minha Bisavó, mãe de minha avó também. Somos todas filhas do Rio Amazonas.

Um dia, quando era criança, eu vi minha mãe chorando. Quando ela me viu, escondeu as lágrimas. Ouvei meu pai de dentro do quarto falando de modo grosseiro, em tom de piada, que ela era índia, sim! Que seus familiares ao chamarem ela assim, estavam certos.

Ela irritada disse: - Não!

Anos depois eu me pego pensando nisso. Por que é comum nós, manauaras, descendentes ribeirinhos, nos negarmos a sermos índios?

Eu, por exemplo, nunca me questioneei sobre isso, porque eu tinha certeza que era uma pessoa branca.

Quando eu comecei a responder questionários socioeconômicos entregues na minha escola estadual, tinha sempre a pergunta: Como você se considera? Preto, branco, amarelo ou pardo?

Eu não tinha dúvidas!

Assinei: Branca!

Minha professora, revisando, riu. Pediu pra eu olhar a palma de minha mão e perguntou se ela, a minha mão, era branca em comparação à mão de uma colega de turma.

Silêncio.

Você não é branca.

Você é parda.

Parda?

Que diabos é parda?

Silêncio.

## **CARTA AOS ENCANTADOS**

Não há o que fazer, minha cabeça está quente, estourando, doendo e tem dias. Não sinto vontade. Ando anestesiada de sentimento, vazia. Não posso voltar, não sou bem-quista, meus parentes não me aceitam como sou, não aceitam a minha história. Fincada no concreto, universo branco, eu tento respirar. Tento chorar, não consigo. Tem um entalo que sai do meu esôfago e fica preso na garganta. É físico. Às vezes, parece que quer sair. Eu engulo de volta.

Não sinto que pertenço aqui, nem quem eu amo, acredito que sustente quem eu sou, eu peso muito. Cobro o que mereço, cobro as falhas, quero o melhor, eu quero, eu mereço.

Não gosto quando me dizem o que eu tenho que fazer, eu gosto de ser livre.

As diretrizes que antes me encaminhavam, me impulsionavam, agora me aprisionam. Não gosto de como andam as coisas, não estou feliz. Não sou feliz!

Você também tem a impressão que só trabalha?

Você gosta de só trabalhar?

Você trabalha com o quê?

Pra quê?

A gente trabalha pra ser feliz?

Pra ter dinheiro e ser feliz?

Tempo é dinheiro? Quem tem tempo é feliz?

Tempo.

Existe?

Para você o tempo existe?

E se ele não existisse?

E se você não...

Não seguisse mais as estruturas impostas socialmente?

O que aconteceria?

E se a partir de hoje, eu optasse em não trabalhar, não ganhar dinheiro. Acordar e levantar no momento que meu corpo estivesse recuperado, energizado.

Daí eu comeria meu último café da manhã industrializado. E se eu não ligasse a tv? Não usasse o computador? O celular? Nada. Só existiria.

Como seria a vida a partir do momento em que eu rompesse com o sistema capital?

Passaria fome?

Levaria dias andando para chegar em outros bairros?

Nunca mais veria meus familiares em outro estado?

Andaria pelada?

Então eu seria presa.

Eu seria presa!

Antes disso correria o risco de estupro e outras violências

Meu corpo nu seria permissão para violação.

Vestido, ele já é alvo, imagina sem roupa.

E eu aqui querendo ser igual a minha bisavó.

Por quê algumas pessoas deixam de ser?

Exemplo: minha bisavó era originária, vivia em nação ribeirinha do Rio Negro.

Daí aconteceu alguma coisa, ela pariu algumas filhas, que se casaram e pariram outras filhas, e eu nasci.

Porque eu não sou dessa nação ribeirinha do alto Rio Negro?

O que aconteceu?

Provavelmente muitos aqui conheceram e se relacionaram com seus avós, uma grande parte, sim. Mas aqueles que não tiveram, que não conseguiram, o que aconteceu? Você sabe?

Eu não tenho a memória de minha vó, minha mãe não tem. Tem pouca memória. Porquê?

Eu fico aqui pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando....

Muitas perguntas, muitas.

Quem são os encantados que me guiam? Estão aqui comigo?

Me mostra o caminho dos meus

Eu ficaria orgulhosa dos meus antepassados?

Na verdade, eu já sou.

Imagina você aí, na sua casa, assistindo a sua tv, com sua série do momento, chega alguém, alguéns, te tiram de sua casa à força, ficam com tudo seu. Com tudo que você ralou muito pra conseguir. Pensa. Todo dia você acordando cedo, pegando transporte público lotado, levando broncas, sem poder errar. Sem sair do lugar, vivendo para o mínimo, e com seu mínimo, alguém vem e te tira tudo, tira essa ideia de liberdade que você tem. Você fugiria? Não permitiria?

Pois bem, eu tenho certeza que meus antepassados não deixaram ter seus corpos invadidos pela violência. Sei porque até hoje eles estão aqui. E eu estou aqui porque eles resistiram.

Tem coisas que eu faço hoje que são herança deles, delas.

Tipo. Sabe essa tapioca que você come? Sabe como é feita? Sabe como eram feitas?

Herança.

Como nasceu minha nação? Por onde anda meu clã? Será que querem me encontrar? Será que pensam sobre mim e em tantos que saíram do seu lugar de origem? Será que sentem aqueles que querem voltar? Eu quero voltar. Saber de tudo. Impossível? Eu quero.

Não quero outra língua, eu quero a minha.

E se, eu fosse Tukano?

Encantados, porque esse sentimento que faz querer saber mais dessa nação?

Porque acredito que quando eu os encontrar, eu vou ficar bem?

E se não me quiserem?

Qual caminho eu devo seguir?

Tem um ou uma Tukano aqui?

Podem vim me buscar?

## **QUANDO FOI QUE EU COMECEI A PENSAR SOBRE ISSO...**

Isso de ser oriunda dos povos originários desta terra Brasil?

Eu não sei exatamente quando.

Por que é que eu quero compartilhar?

Eu não sei

São muitos caminhos, muitas histórias que se cruzam, eu não dou conta.

Mas eu quero dar.

Eu tô frustrada.

Por quê é que só se fala em mortes, violências, estupros?

Não era bem isso que eu procurava.

Não é sobre isso.

Não quero que seja sobre isso.

Como é que reescreve essa história?

Eu quero contar a minha história.

Minha nova

A que eu desejo.

Por quê é que eu fico querendo saber de onde eu vim? Ou melhor, de onde vieram as pessoas responsáveis pela minha existência?

Todo mundo, eu imagino, quer saber minimamente de sua origem. Você sabe quem são seus antepassados? Seus parentes? Das suas tataravós até aqui, você sabe? Nome, filhos de quem, nascidos em..., casados com..., sabe?

Normalmente a gente quer logo saber se somos decendentes de portugueses, franceses, japoneses, italianos ou africanos. Normalmente é assim. E de fato deve ser. Mas somos de sangue do povo que aqui estava antes da tal contada história da invasão, somos frutos daqueles que sobreviveram.

Já pensou sobre isso?

Já pensou em saber de qual etnia sua bisavó era? A qual nação ela pertencia, ou mesmo seu avô?

Sim, eu sei que estou perguntando para pessoas bem específicas aqui. Não tem problema, é com elas que eu quero falar. Sem problema de você que não é contemplado, poder ouvir, escutar, compreender.

## **DE ONDE NASCEU ISSO?**

Em Manaus eu não pensava sobre isso. Eu não me questionava sobre, eu estava. Não me via diferente. Quando decidi morar no Rio de Janeiro, é que através de outras pessoas, eu comecei a olhar para mim, pois me perguntavam sobre minha origem, reconheciam em mim uma fisionomia diferente, talvez os olhos puxados e fundos, cabelos lisos, nariz grosso. Normalmente me reconheciam como índia. No trabalho me chamavam assim, aquela moça, a índia.

Então comecei a rondar minha mãe para saber nossa origem, minha mãe nunca gostou de falar sobre, a ordem na verdade era não me deixar tachar como índia. Não apenas como índia. Você vai fazer novela? Não aceita papel de índia. Não vai pra lá pra ser índia. Eu ouvi muito isso. Em algum momento eu acreditei nisso.

Comecei a ter sonhos comuns a muitos. Viajar para fora do Brasil, conhecer Paris, sair, sair e sair, Europa, ir para fora. Legal, válido, importante! Eu ainda quero. Quero visitar túmulos, colocar flores para aqueles que trabalharam e só trabalharam para construir esses lugares que são 1º mundo. Eu quero ir para fora para ver as construções levantadas por mãos fortes e inteligência construtiva, para admirar os esforços das pessoas que morreram sem saber o que é entrar nesses lugares levantados por eles, eu quero entrar, por eles.

Viajei aqui.

Mas voltando.

Esse desejo de ir para fora é bom, mas tenho um desejo de entrar.

Conhecer lugares daqui, de dentro. As pessoas, os sotaques, as comidas, os movimentos culturais, populares, a política de cada lugar.

Quero, preciso, é valido, é importante para mim.

Quero descer o Rio Negro, como descem os poraquês.

### **ALDEIA MARACANÃ**

Teve um dia, que estava rolando um evento na aldeia maracanã, eu já tinha ido lá outras vezes. Para quem não sabe, aqui no Rio de Janeiro, existe uma comunidade originária do lado do Estádio Maracanã. Aliás, o estádio ganhou esse nome Maracanã do tupi maraka'nã e significa papagaio, que faz barulho semelhante a um chocalho.

Enfim....

Não vou ser didática. Me recuso.

Sabemos que tinha um evento. Eu estava toda cagada. Estava ruim mesmo. Na fossa. Destruída. Sair da cama não era uma opção. Olheira. Ruim mesmo. Credo. Mas fui. Fui recebida pelo cachorro, que acho que vendo meu estado de alma degradante, latiu muito, certeza que ele queria afastar aquele mal dali. Quem veio me recepcionar foi um homem, usando um cocar, abriu um sorriso e me disse: - Oi Parente! A gente estava te esperando. Sorri amarelo. Não era a primeira vez que me chamavam assim.

Entreí, fui direto olhar as artes, não queria contato. Assisti uma mesa de debates sobre as línguas, e a importância do resgate. Quando acabou, um grupo de forró começou a tocar, fui convidada a dançar, depois fiquei sabendo que quem me convidou foi o cacique Urutaua. Mudei de leve meu estado de espírito. Já não pensava nas dores.

Em silêncio, eu almocei com todos ali. Dividimos bem o alimento. Farinha... hummm

Fui olhar uma exposição de fotos, me concentrei em imaginar histórias a partir delas. Senti alguém se aproximar, era o homem de cocar que me recepcionou. Veio me perguntar de onde eu era. Disse que meu rosto não era estranho. Conteí onde nasci. Perguntou minha etnia. Não tenho etnia. Sou manauara. Ele perguntou se eu tinha certeza, perguntou sobre minha árvore genealógica. Eu ali, fui me dando conta que eu não conhecia minha história. Me perguntou o que eu estava fazendo na aldeia. Eu disse que não era a primeira vez que eu estava ali, que tinha ido a um encontro de mulheres e naquele momento estava pelo evento que acontecia. Ele, me olhando firme, repetiu a pergunta. Silenciei. Percebendo meu desconforto, falou sobre ele, de onde era, o que fazia, seu papel na comunidade, como se relacionava com o mundo....

Escutá-lo me fez querer falar.

Um corpo sem uma parte.

Uma parte faltante.

Ninguém sabia da minha dor.

A impressão que eu tinha era que meu mundo tivesse parado, mas tudo ao redor continuava em movimento, a minha dor não importava, as pessoas

continuavam acordando cedo para ganhar seu dinheiro, aplicativos de relacionamento continuavam fazendo pessoas se encontrarem, quando eu saía de casa parecia que ninguém se importava com a minha dor. Eu estava tão estranha. Faltava alguma coisa. Foram tantos dias chorando, pingado pela casa, eu não sei exatamente o que eu queria mas eu queria não me sentir anestesiada de sorrir

É como se eu desaprendesse a sorrir.

Eu queria falar tudo isso.

Mas saiu: Qual seu nome?

Ywiharú Guajajara.

Tão bonito a pessoa carregar como sobrenome o nome de sua nação, né?

Ele, como se tivesse lido meus pensamentos, me levou para debaixo de uma árvore, debaixo dela muitas folhas, um amontoado. Folhas secas, se degenerando. Pediu para eu olhasse a árvore com atenção.

Nós somos como essa árvore.

Tá vendo essas folhas secas? Um dia ela foi verde igual aquela lá do alto, cresceu, passou dias de sol, dias de chuvas, noites frias, noites quentes. Ela viveu. Quando ela cai, começa seu processo de morte, vira adubo que nutre a árvore.

Posso te fazer uma pintura com jenipapo? Pode ser no rosto?

Pode.

A tinta do Jenipapo demora 15 dias para sair da pele.

Tudo bem.

Essa pintura, parente, é de cura.

Nós vamos trabalhar na sua cura.

Eu com choro preso entalado na garganta.

Havia muitas pessoas olhando ele fazer a pintura, não queria plateia.

Respiro fundo, fecho os olhos.

A tinta fria, causava uma leve coceira.

Concentração.

Começava ali, uma nova história.





De repente eu quero isso também.  
Ih, aí. Já me perdi. Difícil fazer isso aqui.  
Eu sou bem escorregadia.  
Deslizo pelas águas, sei dos mistérios profundos.  
Não tenho medo de jacaré.  
Nem de gente.  
Com gente tem que saber ser, construir.  
Quando encontro com um, posso liberar cargas elétricas.  
Positivamente.  
Negativamente.  
Depende de quem me toca.  
Talvez eu não seja tão medrosa assim.

#### **EU TENHO MEDO DE.....**

Da espreita de quem quer terra  
Eu tenho medo de tiro daqueles que carregam ódio e desejo de extermínio  
Eu tenho medo  
Eu tenho medo de ter que lidar diariamente com as notícias de morte dos parentes  
Eu tenho medo de encontrá-los e na mesma noite perdê-los  
Eu tenho medo de ver um assassinato  
De ver uma agressão  
De ver ou ser o corpo invadido  
Eu tenho medo do estupro  
Eu tenho medo do spray de pimenta  
Da bala de borracha  
Do olhar ameaçador  
Eu tenho medo e não dá conta de tanta perseguição  
Eu tenho medo da minha mente não aguentar  
Eu tenho medo do suicídio  
Eu tenho medo de ser deslegitimada  
Eu tenho muito medos

M E D O

Sou covarde, ou só quero viver?

### **Depois do Não**

Para nós não existe essa história de neto de avó pega no laço querer ser índio de volta.

Para nós não existe essa história de neto de avó pega no laço querer ser índio de volta.

Caramba!

Essa resposta bateu firme. Não consegui dormir por uns dias. Toda vez que eu deitava para dormir, me vinha essa frase na cabeça. Pronto!

Muita confusão mental.

Desisto?

Fico? Insisto?

Será que essa minha insistência não é minha versão mimada de pertencimento?

Não quero ser inconveniente, desrespeitosa, não é isso que eu busco.

Eu imaginei que seria diferente, sabe?

Eu realmente acreditei que seria diferente.

Nessa guerra, não há tempo de pensar nas crises existenciais, Lilian. Cresce!

Tua história não cruza as fronteiras de guerra que esses corpos passam.

Cresce. Segue.

3h da manhã.

4h da manhã

Por que não é tão simples parar de pensar nisso???????

Para nós não existe essa história de neto de avó pega no laço querer ser índio de volta.

## **CRISE HÍDRICA NO RIO DE JANEIRO**

O processo na construção de PARENTE foi atravessado por alguns imprevistos estruturais, mas o que mais marcou e foi decisivo no caminho criativo, foi a crise hídrica no Rio de Janeiro em 2020/2021. Logo depois de compreendermos que a água seria nosso elemento condutor no processo, justo ela nos faltou quase por muitos dias, o que fez com que tivéssemos uma pausa criativa. Tive a decisão em seguida de voltar para minha terra natal, Manaus, para conseguir dar continuidade ao trabalho. Essa volta, esse retorno, o encontro com a minha regionalidade assim como o contato com meus familiares deu uma potência poética que foi o divisor de águas na formação da dramaturgia, o início dos ensaios e as gravações.

## DRAMATURGIA FINAL

### PARENTE

#### Personagens

**Poraquê:-** Significa Peixe, encontrado em alguns rios da América tropical, corpo serpentiforme, castanho-avermelhado; periodicamente vem à tona para retirar o oxigênio do ar e tem a capacidade de produzir uma forte descarga elétrica como mecanismo de defesa.

**Yepário:** Na língua Tukano Significa Mãe da Terra

#### Cena 1 - Voltar para ontem para depois seguir para o amanhã

##### Direção para Cena 1

Uma música que traga a sensação de estar em casa.

Uma imagem que seja importante para as atrizes.

3 Fotografias ( 1 da infância, 1 com a família, 1 em contato com a água

Completar a frase, "se eu fosse um peixe eu..... 3x

Um experimento com o corpo, sombra e luz.

**Poraquê e Yepário:** Eu nasci na cidade de Manaus, minha mãe nasceu no município de Careiro da Várzea, minha vó, mãe de minha mãe em Borba, minha Bisavó mãe de minha avó também. Somos Todas Filhas do Rio Amazonas.

**Poraquê:** Quando eu era criança, vi minha mãe chorando, quando ela me viu escondeu as lágrimas, ouvi meu pai de dentro do quarto falando de modo grosseiro, em tom de piada, que ela era índia sim! Que seus familiares ao chamarem ela assim, estavam certos. Ela irritada disse...

**Yepário:** NÃO! - Eu tinha certeza que era uma pessoa branca.

**Poraquê:** Quando eu comecei a responder questionário socioeconômico entregue nas escolas, tinha sempre a pergunta: Como você se considera? Preto, Branco, Amarelo ou Pardo?

Eu não tinha dúvidas!

Assinei, Branca!

Silêncio.

**Yepário:** (Rindo) Peço nesse momento pra que você olhe a palma de sua mão. ( Na tela imagem de uma mão BRANCA) A tua mão é branca em comparação à mão da sua colega aqui?

Silêncio.

Você não é branca.

Você é parda.

As duas: Parda? Que diabos é parda? Silêncio.

## **Cena 2 – Carta aos encantados**

Direção para Cena 2

**Poraquê:** 3 Movimentos de elemento água. (construção das partituras através de 3 verbos)

3 partes do corpo, para cada uma parte escolhida, texto.

Improvisação para contação de história. (uma pausa, 2 repetições, uma deslizada)

1 Roupas

**Yepário:** Um instrumento de trabalho, Tipiá,

3 partes do corpo

Improvisação para contação de história. (uma pausa, 2 repetições, uma deslizada)

1 Roupas

*Desenhar Mapa.*

**Poraquê:** Tukano!

**Poraquê:** Minha cabeça tá quente, estourando, doendo e tem dias. Não sinto vontade. Ando anestesiada de sentimento, vazia. Não posso voltar, não sou bem-quista, meus parentes não me aceitam como sou, não aceitam a minha história. Fincada no concreto, universo branco, eu tento respirar. Tento chorar, não consigo. Tem um entalo que sai do meu esôfago e fica preso na garganta. É físico. As vezes parece que quer sair. Eu engulo de volta.

Não gosto quando me dizem o que eu tenho que fazer, eu gosto de ser livre.

As diretrizes que antes me encaminhavam, me impulsionavam, agora me aprisionam, não gosto de como andam as coisas, não estou feliz. Não sou feliz!

**Yepário:**

Você também tem a impressão que só trabalha?

Você gosta de só trabalhar?

Você trabalha com o quê?

Pra quê?

A gente trabalha pra ser feliz?

Pra ter dinheiro e ser feliz?

Tempo é dinheiro? Quem tem tempo é feliz?

Tempo.

**Yepário:** Para você o tempo existe?

E se ele não existisse?

O que aconteceria?

**Poraquê:** E se a partir de hoje eu optasse em não trabalhar, não ganhar dinheiro. Acordar, levantar no momento que meu corpo estivesse recuperado, energizado.

Daí eu tomaria meu último café da manhã industrializado. E se eu não ligasse mais a TV? Não usasse o computador? O celular? Nada. Só existiria.

Como seria a vida a partir do momento que eu rompesse com o sistema capitalista?

Passaria fome?

Levaria dias andando para chegar em outros bairros?

Nunca mais veria meus familiares em outro estado?

Andaria pelada?

Então eu seria presa.

Eu seria presa!

Antes disso correria o risco de estupro e outras violências

Meu corpo nu seria permissão para violação.

E eu aqui querendo ser igual a minha bisavó.

Por quê algumas pessoas deixam de ser?

*Música*

**Poraquê:** Teve um dia, que estava rolando um evento na aldeia maracanã, eu já tinha ido lá outras vezes. Para quem não sabe, no Rio de Janeiro, existe uma comunidade originária do lado do Estádio Maracanã. Aliás, o estádio ganhou esse nome Maracanã do tupi MA-RA-K'A-NÃ e significa papagaio, que faz barulho semelhante a um chocalho.

Enfim....

Não vou ser didática.

Sabemos que tinha um evento. Eu neste dia estava destruída emocionalmente. Sair da cama não era uma opção. Olheiras profundas. Ruim mesmo. Mas fui para o evento. Chegando lá fui recebida pelo cachorro, que acho que vendo meu estado de alma degradante, latiu muito, certeza que ele queria afastar aquele mal dali. Quem veio me recepcionar foi um homem, usando um cocar, abriu um sorriso e me disse:

**Yepário:** - Oi Parente! A gente estava te esperando.

**Poraquê:** Sorri amarelo. Não era a primeira vez que me chamavam assim.

Entrei, fui direto olhar as artes, não queria contato. Assisti uma mesa de debates sobre as línguas. Quando acabou, um grupo de forró começou a tocar, fui convidada a dançar, mudei de leve meu estado de espírito. Já não pensava nas dores. Em silêncio, eu almocei com todos ali. Fui olhar uma exposição de fotos, me concentrei nas imagens e de repente senti alguém se aproximando, era o homem de cocar que me recepcionou. Veio me perguntar de onde eu era. Disse que meu rosto não era estranho. Contei onde nasci.

**Yepário:** Qual tua etnia? 3x

**Poraquê:** Eu não tenho etnia. Sou manauara. Ele perguntou se eu tinha certeza, perguntou sobre minha árvore genealógica. Eu ali, fui me dando conta que eu não sabia exatamente de onde eu vinha. Me perguntou o que eu estava fazendo ali. Eu disse que não era a primeira vez que eu estava ali, Ele, me olhando firme, me interrompeu e repetiu a pergunta.

**Yepário:** O que você veio fazer aqui?

Silenciei. Percebendo meu desconforto, falou sobre ele, de onde era, o que fazia, seu papel na comunidade, como se relacionava com o mundo....

Escutá-lo me fez querer me abrir, falar sobre meu estado de alma naquele momento.

*Yepário, preparando a tinta e a pintura.*

**Poraquê:** Um corpo sem uma parte.

A impressão que eu tenho é que o meu mundo tivesse parado, mas tudo ao redor continuava em movimento, a minha dor não importa, as pessoas continuam acordando cedo para ganhar seu dinheiro, aplicativos de relacionamento continuam fazendo pessoas se encontrarem, quando eu saio de casa parece que ninguém se importa com a minha dor. Eu estou tão estranha. Falta alguma coisa. São tantos dias chorando, pingando pela casa, eu não sei exatamente o que eu quero, mas, eu quero não me sentir anestesiada de sorrir.

Eu queria falar tudo isso para ele

Mas saiu: Qual seu nome?

**Yepário:** Ywiharú Guajajara.

**Poraquê:** A pessoa carrega como sobrenome o nome da tua NAÇÃO.



Ele, como se tivesse lido meus pensamentos, me levou para debaixo de uma árvore, debaixo dela muitas folhas, um amontoado. Pedi para que eu olhasse a árvore com atenção. Olhem para a árvore. Imaginem essa árvore.

Nós somos como essa árvore.

Está vendo essas folhas secas no chão? Um dia ela foi verde igual àquela lá do alto, cresceu, passou dias de sol, dias de chuvas, noites frias, noites quentes. Ela viveu. Quando ela cai, começa seu processo de morte, vira adubo que nutre a árvore. Parte de você morreu para que você pudesse estar aqui hoje. Se nutrindo e quando você morrer, nutrirá outras árvores. Mas morra no tempo certo. Abra os olhos. Abram seus olhos.

**Yepário:** Posso te fazer uma pintura com jenipapo?

**Poraquê:** Pode.

**Yepário:** Pode ser no rosto?

**Poraquê:** Pode.

**Yepário:** A tinta de Jenipapo demora 15 dias para sair da pele.

**Poraquê:** Tudo bem.

**Yepário:** Essa pintura parente, é de cura.

### **Cena 3 - Com relação a uma possível ancestralidade tukano**

Direção da Cena 4 –  
Momento do choque de Poraquê (pesquisar estrutura da descarga elétrica, movimento vibratório)

**Voz de Fundo:** Com relação a uma possível ancestralidade tukano gostaria de esclarecer, ESCLARECER, esclarecer, alguns pontos em relação ao meu povo que talvez você ainda não saiba:

O povo tukano, assim como os demais povos do tronco linguístico tukano somos povos exógamos e patrilineares, isso quer dizer que temos como lei não casar entre nós mas apenas com outros povos (sim somos todos "mestiços" e a grande maioria bilíngues) sendo assim a patrilinearidade é o que define ser tukano ou não: somente são tukano os filhos e filhas de pais tukano. assim nos organizamos tradicionalmente desde nossa origem, nosso povo se divide em clãs, recebemos nomes de cerimônia desde o nascimento e na nossa tradição fica realmente difícil alguém reclamar identidade tukano por descendência. eu mesma tenho ancestrais dessano, tuyuka, tariano, miriti tapuya, e guambiana, mas sou tukano porque é a patrilinearidade que define nosso povo.

Desculpe responder em tom tão seco, mas realmente é assim que nosso povo funciona e fica muito difícil que a coletividade reconheça pessoas autodeclaradas a não ser que estes tenham alguma patrilinearidade de clã tradicional.

*Sonoplastia de telefone chamando sem ninguém atender*

Cada povo indígena é uma civilização, tem sua cultura e práticas que o definem. A exogamia e patrilinearidade são eixos fundamentais de nosso povo e espero que você possa entender e respeitar isso. Não existe essa opção de "voltar a ser indígena".

**Poraquê** : MAS EXISTE A POSSIBILIDADE DE DEIXAR DE SER?

**Voz de Fundo:** Uma preocupação é o fetichismo, a caricatura que pessoas autodeclaradas tendem a fazer. Há aqueles que se pintem ou vistam de maneiras nada a ver achando que para ser índio basta ter uma pena na cabeça, um colar ou uma tinta no rosto.

*Sonoplastia de telefone chamando sem ninguém atender*

E acabam assumindo encenações racistas sem perceber. Fazendo uma espécie de performance e às vezes até reclamando para si uma autoridade que não tem. Se declarando até caciques, pajés, lideranças, ativistas que adoram uma entrevista, capa de revista, holofote, mas que não tem relação nenhuma com povo nenhum. (Tem vários artistas autodeclarados assim). Esses, para mim são os piores. Porque além de oportunistas que trabalham para satisfazer o próprio ego, são barulhentos e desviam a atenção de questões urgentes das lutas indígenas. Povos indígenas ainda enfrentamos o genocídio: fogo, bala, veneno, assassinato, nossa urgência não é descobrir qual é a ancestralidade indígena de 90% da população brasileira, nem a crise existencial daqueles que tem "cara de índio". Ser indígena não é uma questão racial, a própria ideia de raça já é racista. Ser indígena é pertencer, ser reconhecido, ter lugar em um povo.

Não existe essa opção de "voltar a ser indígena".

*Corte da ligação da Poraquê com a água. (Criar imagens que demonstre a ruptura forçada entre a Poraquê e o elemento água)*

**Poraquê:** Acabou a água.

#### **Cena 4 – O banho**

##### **Direção para Cena 3**

Preparação do banho de folhas (Bacia, folhas de ervas, água.)

1 memória em relação a banho

Movimentos de Poraquê em ataque.

Jogo do Complete a frase: Eu não me conecto com ela eu...

**Yepário:** (*ensinando Poraquê a preparar o banho*)

Dentro da bacia coloque água, as folhas, tome um banho antes do banho com as ervas, jogue da cabeça para baixo, mentalize coisas boas, agradeça.

**Poraquê:** Minha bisavó era originária, vivia em nação ribeirinha do Alto Rio Negro.

**Yepário:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Daí aconteceu alguma coisa, ela pariu algumas filhas, que se casaram e pariram outras filhas, e eu nasci.

**Yepário:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Porque eu não sou dessa nação ribeirinha do alto Rio Negro?

**Yepário:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Eu não tenho a memória de minha vó, minha mãe não tem. Tem pouca memória. Porquê?

**Yepário:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Eu fico aqui pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando e pensando....

**Yepário:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Quando eu não me conecto com ela eu...

**Poraquê:** Quem são os encantados que me guiam? Estão aqui comigo?

Me mostra o caminho dos meus

**Yepário:** Como nasceu sua nação? Por onde anda teu clã? Será que querem te encontrar? Será que pensam sobre você e em tantos que saíram do seu lugar de origem? Será que sentem aqueles que querem voltar?

**Poraquê:** Eu quero voltar. Saber de tudo. Eu quero.

Não quero outra língua eu quero a minha.

E se, eu fosse Tukano?

Tem um ou uma Tukano aqui?

Podem vir me buscar?

## **Cena 5 - Conversa com a mãe**

Direção para cena 5

Cena a ser gravada com a mãe de Poraquê. Cabelos sendo catados.

**Mãe de Poraquê entra em cena. Trazendo o elemento água.**

**Poraquê:** Mãe, Eu sonho, literalmente.

Queria tanto saber cantar, ou tocar, ou assoprar, ou dançar.

Estar em roda, preparar fogueira, cantar, alto, coletivamente. Plenamente.

Eu sonho me comunicando na minha língua, a língua dos meus ancestrais.

Sem precisar pedir a benção por medo ou obrigação.

Eu me imagino em casa, oca. De palha. De madeira.

Eu me imagino indo para o mato, sozinha. Conhecendo os cheiros, a função das plantas.

Eu me imagino fazendo banho de assento

Eu me imagino tendo que lidar com meu sangue no período menstrual

Eu me imagino, porque me parece que vai ser difícil uma vida sem absorventes

Mas eu imagino. Eu quero ter contato com meu corpo. Eu quero aprender a sabedoria de quem cuida de si e da terra porque não se ver separado dela.

**Yepário:** Estamos na cidade, mas nem por isso deixamos de manter nossa tradição e nos firmamos na resiliência de ser originários dessa terra.

## PROCESSOS DA DIREÇÃO

A direção perdeu a força do encontro online ao vivo pelas demandas de trabalho da equipe. Com isso, distribuí a construção das cenas em cinco semanas destinadas à construção das cinco cenas proposta pela dramaturgia.

Com a equipe da preparação corporal, solicitei cinco vídeos, um para cada semana que nos auxiliassem na construção da dramaturgia do corpo, contendo dispositivos de aquecimento, concentração e criatividade.

Nos ensaios individuais, gravava as etapas e no fim, ao me assistir, entendia o que poderia ficar interessante para o trabalho.

Para a Dayane, desenvolvi um esquema de decupagem das cenas, indicando algumas possíveis ligações com as demais cenas e deixei o processo criativo dela com ela mesma fluir.

Abaixo o modelo da proposta para construção da primeira cena enviada para Dayane.

## Parente – CENA 1

**Preparação Corporal:** Vídeo de até 15 minutos com instruções para a pesquisa de movimentos.

**Sugestão:** primeiro momento consciência corporal. Segundo momento movimento potencial. Terceiro momento impulso e pausa.

– Yepário Lilian preparar;

Uma música que traga a sensação de estar em casa.

Uma imagem que seja importante para as atrizes.

3 Fotografias ( 1 da infância, 1 com a família, 1 em contato com a água

Completar a frase, “se eu fosse um peixe eu..... 3x (respostas diferentes)

Um experimento com o corpo, sombra e luz.

**1º Momento:** Yepário e Lilian, realizar o experimento do vídeo preparação corporal.

**2º Momento:** Gravar vídeos Separados:

**Vídeo 1:** Escutando a música.

**Vídeo 2:** Apresentando a Imagem, explicando porque a imagem é importante para si.

**Vídeo 3:** Mostrando as fotos.

**Vídeo 4:** Completando a frase “ Se eu fosse um peixe eu...”

**Vídeo 5: Cena 1 –** Escolher momentos do texto e no TEXTO, na fala - 1 pausa, 1 repetição, 1 deslizamento. (Vídeos pílulas, gravados separadamente)

\*Quando salvar os vídeos **NOMEAR ARQUIVO E COLOCAR NAS PASTAS DO DRIVE**

**Exemplos para nomear arquivo:**

Vídeo 1\_música\_Yepario.

Vídeo 2\_apresentação\_Poraquê.

Vídeo5\_cena1\_pilula1\_yepário.

**Imagem de Referência para enquadramento de câmera.**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de montar PET nesse contexto pandêmico foi desafiadora em todas as esferas, tanto para nossos professores acadêmicos quanto para nós, alunos formandos em Direção Teatral. Embora tenhamos trabalhado muito para não sucumbirmos à inércia diante da falta da presença, relação com a equipe, suor de ensaio, obra e espectador de forma mais sensorial, a qual pede e faz o teatro, acredito que algumas inquietações foram plantadas. Ter e fazer a experiência fílmica com base no teatro me fez pensar no que faremos no pós-pandemia, que teatro faremos no pós-pandemia? Até aqui foi divertido expandir meu olhar para imagem, o manuseio de máquinas, muitos aprendizados, de fato. Mas comigo também caminhou um sentimento de “será que isso está honesto?” Ainda não tenho uma resposta concreta, mas não deixo de validar a construção de PARENTE. Foi possível conhecer uma nova ética de trabalho. O cinema deixa o caminho aberto para esse entendimento de construção de imagem e relação em um set de filmagem.

A expressão se agiganta, o teatro não nos permite uma fala que não seja projetada, e está tudo bem. Esse encontro da câmera que minimiza nossas ações entrando em contato com a expressão do teatro, propõe que o olhar se dilate, que o raciocínio crie ferramentas. Quem sabe a partir daqui não seja possível nascer uma nova forma de expressão?

PARENTE, como experiência fílmica, se tornou potencial de expressão, e ferramenta acumuladora de informações, material e equipe para a construção do espetáculo presencial pós pandemia.

Até aqui, sou grata por tantos movimentos e pelos corpos que fizeram essa jornada possível.

**FICHA TÉCNICA**PARENTE, de Lilian Corrêa

**Direção:** Lilian Corrêa

**Orientação:** Livia Flores e Marcellus Ferreira

**Assistência de Direção:** Raphael Castro

**Consultoria de Dramaturgia:** Isabel Figueira e Luciano Cachimbo

**Elenco:** Dayane Nunes e Lilian Corrêa

**Preparação Corporal:** Giulia Scarpa e Wagner Cria

**Orientação de Preparação Corporal:** Lígia Tourinho e Maria Inês Galvão

**Iluminação:** Lilian Corrêa

**Maquiagem e Operadora de Luz:** Amanda Silva

**Cenografia:** Lilian Corrêa e Luciano Cachimbo

**Figurino:** Isabel Figueira e Lilian Corrêa

**Produção:** Lilian Corrêa, Luiz Fernando Picanço e Pedro Barroso

**Pesquisa musical:** Lilian Corrêa, Dayane Nunes e Wagner Cria

**Filmagem:** Amanda Silva, Cecilia Corrêa, Dayane Nunes, Lilian Corrêa e Wagner Cria

**Edição de Imagem:** Wagner Cria

**Participação especial:**

(Mãe) - Cecilia Corrêa

(Dança das mãos) - Giulia Scarpa  
Jonas Corrêa

Livia Flores

Marcellus Ferreira

Pedro Barroso

Raphael Castro

**Classificação indicativa:**

10



## FLYER'S DE DIVULGAÇÃO

A UFRJ apresenta:

# PARENTE

uma peça da "XX Mostra de Teatro da UFRJ"

**ESTREIA**  
06/06  
18h

 **no canal da Mostra de Teatro da UFRJ no YouTube**

Realização, dramaturgia e direção: Lílian Corrêa  
Com: Dayane Nunes e Lílian Corrêa  
Orientação: Livia Flores e Marcellus Ferreira  
Edição e Montagem: Wagner Cris

REALIZAÇÃO:    

CO-REALIZAÇÃO:  

APOIO: 

A UFRJ apresenta:

# PARENTE

uma peça da "XX Mostra de Teatro da UFRJ"

**TEMPORADA**  
DE 06  
A 13/06

 **no canal da Mostra de Teatro da UFRJ no YouTube**

Realização, dramaturgia e direção: Lílian Corrêa  
Com: Dayane Nunes e Lílian Corrêa  
Orientação: Livia Flores e Marcellus Ferreira  
Edição e Montagem: Wagner Cris

REALIZAÇÃO:    

CO-REALIZAÇÃO:  

APOIO: 

A UFRJ apresenta:

# PARENTE

uma peça da "XX Mostra de Teatro da UFRJ"

**ÚLTIMO DIA**  
13/06

 **no canal da Mostra de Teatro da UFRJ no YouTube**

Realização, dramaturgia e direção: Lílian Corrêa  
Com: Dayane Nunes e Lílian Corrêa  
Orientação: Livia Flores e Marcellus Ferreira  
Edição e Montagem: Wagner Cris

REALIZAÇÃO:    

CO-REALIZAÇÃO:  

APOIO: 

**BIBLIOGRAFIA**

**BOGART**, Anne; **LANDAU**, Tina. The viewpoints book. New York: Theatre Communications Group, 2005. **BROOK**, Peter. A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

**COHEN**, Renato. PERFORMANCE COMO LINGUAGEM CRIAÇÃO DE UM TEMPO-ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO. EDITORA PERSPECTIVA, 1ª edição – 1ª reimpressão, SP -2002

**LUCIANO**, Gersem dos Santos. Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes, volume 1. Brasília: Ministério de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006.

**SALGADO**, Sebastião. Gênesis. São Paulo: Taschen, 2013.

**TAVARES**, Maria da Consolação G. Cunha F. IMAGEM CORPORAL: CONCEITO E DESENVOLVIMENTO. 1ª ed. – Copyright: 2003

**MACQUEEN**, Angus. Primeiro Contato: Tribo Perdida da Amazônia. Filme Documentário, 2016

**BERNAT**, ISAAC, 160-ENCONTROS COM O GRIOT SOTIGUI KOUYATÉ / 1.ED – RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2013

**BROOK**, Peter. A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

**KRENAK**, AITON. IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO/AITON KRENAK – 1º ED. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.

**MUNDURUKU**, DANIEL – O BANQUETE DOS DEUSES: CONVERSA SOBRE A ORIGEM DA CULTURA BRASILEIRA / DANIEL MUNDURUKU; ILUSTRAÇÕES MAURICIO NEGRO. – 2 ED. – SÃO PAULO: GLOBAL,2009.

# ANEXO















